

Apertem os Cintos

A nova queda das bolsas de valores, irradiada do Japão e da Coreia do Sul, na sexta-feira, mostra que era precipitada e egoísta a pressão dos empresários paulistas por redução drástica e imediata dos juros. O Banco Central foi sábio na sua cautela de reduzir gradualmente os juros.

Por mais que se reclame dos juros altos – e os brasileiros são os campeões mundiais em termos reais, com 38% a 50% ao ano, para uma inflação anual projetada de 4% a 5% para 98 – um mínimo de bom senso indica que o Brasil não está em confortável situação fiscal ou em suas contas externas.

Enquanto o Brasil não melhorar as finanças públicas, que apresentaram em novembro déficit operacional equivalente a 3,54% do PIB, não poderá ter a confiança dos financiadores internos e externos. Pior ainda, esse desequilíbrio, como se fosse um espelho, projeta déficit em transações correntes de US\$ 35 bilhões no balanço de pagamentos.

A velocidade na redução das taxas de ju-

ros – vale mais uma vez repisar – dependerá da pressão com que o Congresso votar as medidas de ajuste fiscal duradouras, vinculadas às reformas da Constituição, como a administrativa, a previdenciária e a tributária.

Vê-se, portanto, que o governo também tinha razão em querer antecipar, com a compreensão do presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães, a convocação extraordinária do Congresso para 6 de janeiro. Se em política as situações são como nuvem, que a cada hora apresenta desenho diferente, nos tempos da globalização a economia muda em fração de segundo.

O Brasil tomou todas as providências necessárias para se precaver de novo ataque especulativo ao real. Mas, enquanto a crise persistir no Sudeste asiático e as reformas não consolidarem a nova face do Estado brasileiro, a nação não poderá passar tranqüila os feriados do Natal e do Ano Novo. Caberá ao Congresso aliviar essa ansiedade acelerando os trabalhos da convocação extraordinária.